

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

O NEOPÍCARO NO PERSONAGEM LUIZ GALVEZ RODRIGUES DE ARIA, EM *GALVEZ IMPERADOR DO ACRE*



EL NEOPÍCARO EN EL PERSONAJE LUIZ GALVEZ RODRIGUES DE ARIA, EN *GALVEZ IMPERADOR DO ACRE*

Adriely Barbosa de Oliveira
UEMS, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 20/07/2017 • APROVADO EM 24/04/2018

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo apuntar las características del personaje Luiz Galvez, de la obra *Galvez, emperador de Acre*, la novela de Márcio Souza (1976) reportándose a la literatura picaresca para luego identificarlo como neopícaro. El referencial teórico pauta-se en los estudios de Mário González en *La saga del antihéroe: estudio sobre la novela picaresca española y algunas de sus correspondencias en la literatura brasileña* (1994, p. 315 -357) y *El Romance Picaresco* (1994), Antonio Candido con "*La dialéctica de la malandragem*" (1970), Altamir Botoso con la obra *Del pícaro al malandro: una poética de la rebeldía* (2010).

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apontar as características do personagem Luiz Galvez, da obra *Galvez, imperador do Acre*, o romance de Márcio Souza (1976), reportando-se à literatura picaresca para então identificá-lo como neopícaro. O referencial teórico pauta-se nos estudos de Mário González: *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas*

de suas correspondências na literatura brasileira (1994 p. 315 -357) e *O Romance Picaresco* (1988), Antonio Candido com “*A dialética da malandragem*” (1970), Altamir Botoso com a obra *Do pícaro ao malandro: uma poética da rebeldia* (2010).

2

Entradas para indexação

PALABRAS-CLAVE: Personaje. Neopícaro. Galvez, Imperador do Acre.

PALAVRAS CHAVE: Personagem. Neopícaro. Galvez, Imperador do Acre.

Texto integral

Considerações Iniciais

O personagem neopícaro é considerado como um ressurgimento do pícaro da literatura clássica espanhola do século XVI e XVII em contexto brasileiro. No entanto, com uma nova roupagem. Essa distinção da terminologia neopícaro foi abordada por Mário González (1994 p.315). Para adentrar nesse mundo da malandragem, é necessário nos reportar à história e apontar o surgimento inicial do pícaro, abordando suas características e tratando de forma breve as três obras que são consideradas como núcleo clássico da literatura espanhola, sendo *Lazarillo de Tormes* (1554) autor anônimo, *Guzmán de Alfarache* (1599-1604) de Mateo Alemán e *El Buscón* (1626), de Francisco de Quevedo, tendo a figura do pícaro como protagonista, para então em contexto da literatura brasileira, nos reportar a recriação da figura do pícaro, agora tratado como neopícaro, segundo González (1988, p. 41) e também denominado como malandro, segundo Antonio Candido (1970, p.71).

De acordo Candido (1970) a figura do malandro na literatura brasileira pode ser vista em *Memórias de um sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, bem como *Macunaíma*, de Mario de Andrade. Já nosso objeto de análise, o personagem Luiz Galvez Rodrigues de Aria, nomeado como imperador, é visto pela ótica de González como um neopícaro, ou seja, um indivíduo marginalizado, assim como o pícaro do século XVII, mas com agora com características do malandro.

Luiz Galvez, personagem a qual iremos nos focar, evidenciando seu papel de neopícaro, e como referencial, usaremos os teóricos: Mário González: *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira* (1994 p. 315 -357) e *O Romance Picaresco* (1988), Antonio Candido com “*A dialética da malandragem*” (1970), Altamir Botoso: *Do pícaro ao malandro: uma poética da rebeldia* (2010) e artigos científicos, para embasar nosso artigo.

1. Uma correlação entre romance picaresco e o neopicaresco ou romance de malandragem

Em Botoso (2016, p.205) considera-se que “O romance picaresco é uma modalidade literária que abrange um conjunto de obras escrita na Espanha, nos séculos XVI e XVII” e Mario González (1994, p. 263) complementa, afirmando que o romance picaresco é:

a pseudo autobiografia de um anti-herói, definido como marginal à sociedade, o qual narra suas aventuras, que por sua vez, são a síntese crítica de um processo de tentativa de ascensão social pela trapaça e representam uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro, seu protagonista.

O enfoque principal dos dois estudiosos é apresentar a figura do pícaro, considerado por Botoso como um ser de baixa condição, que sempre busca diversas maneiras para ascender na sociedade, mesmo que seja por meios desonestos, tais como o roubo e a trapaça, ademais, sempre está metido em apuros, pois se envolve em diversas encrencas, e por conta disso sempre está fugindo, sobretudo passando fome. Assim, como afirma González (1988, p.43), nesse tipo de romance é comum termos como narrador o próprio protagonista da história, e por apresentar todas as características analisadas anteriormente, é considerado um anti-herói. Foi com a publicação de *Lazarillo de Tormes* (1554), que o protagonista narrou sua própria história, por isso a forma narrativa do romance picaresco é a primeira pessoa, mas que ao lermos tal obra, devemos nos conscientizar de que se trata de uma pseudo-autobiografia, ou seja, uma biografia falsa, bem como salienta González (1988, p. 43), pois “o pícaro narra em primeira pessoa inicialmente como numa confissão em que paralelamente ele é o protagonista-testemunha”.

Nos séculos XVI e XVII, período do surgimento do romance picaresco, a Espanha passava por problemas econômicos, o que refletia e influenciava diretamente as pessoas de baixa condição a exercerem a picardia. Ocorria o êxodo rural, o que de fato gerava uma super lotação de pessoas na cidade, fora do controle, e com isso acarretava o desemprego, a falta de moradia e de alimentação e, por conta desses fatores é que o número de pessoas morando nas ruas crescia desordenadamente. Dessa forma, o território espanhol tornou-se “fértil” para o surgimento do pícaro de “carne e osso”, segundo concepções de González, (1994) que depois de passou para o universo da literatura. Com o passar do tempo, na ficção, essa figura do pícaro ficcional deu lugar à figura do neopícaro, ou malandro, segundo Antonio Candido (1970) “transferindo-se das ruas para a ficção” (BOTOSO, 2010). Tais personagens então, ser vistos nas obras *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antonio de Almeida (1852-1853) e *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter, de Mario de Andrade, publicada em 1928. Personagens que podem ser lidos à luz da picaresca, por conta de suas peripécias ou picardias, assim aproximando-se a uma nova concepção do pícaro: o neopícaro, personagem encontrado em solo brasileiro.

A figura de Leonardo filho, em *Memórias*, assim como o personagem Macunaíma, são vistos como neopícaros, por se valerem de sua astúcia para solucionar os problemas que surgem em seu caminho. Mas o que os difere do pícaro clássico é a fome; elemento que de fato torna o pícaro astuto, pois para sobreviver era necessário o engano e a trapaça, diferente dos personagens supracitados, que não se tornam malandros, já nascem malandros. Assim podemos compreender que o romance malandro ou neopicaresco é segundo Mario González, uma recriação do pícaro espanhol. Para ele “o malandro, assim como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores” (CANDIDO, 1970, p. 71). Notamos então que, o que move o neopícaro não é a fome, mas sim sua vida aventureira, cheia de trapaças, portanto, ele é um ser marginalizado diante da sociedade.

Não somente a obra analisada, mas também *Memórias* e *Macunaíma* se distinguem da literatura picaresca clássica dos séculos XVI - XVII, por apresentar narrador em terceira pessoa. Assim, temos o protagonista, um anti-herói, que já não narra suas próprias aventuras e desventuras, mas sim um narrador que conta. De certa forma, toma a sua voz para narrar sua vida irregular, cheia de tramoias, como o pícaro ficcional. Em nossa obra a ser analisada, temos como diferença a figura de dois narradores, sendo um em terceira pessoa, que introduz a narração de Galvez, que por sua vez, está em primeira pessoa, e que mesmo assim o anti-herói não deixa de exercer a malandragem a seu favor.

2. O surgimento do neopícaro em contexto brasileiro.

Como já é sabido, a figura do pícaro ficcional dos séculos XVI - XVII não somente existiu na Espanha. Também chegou ao Brasil, com características semelhantes ao pícaro ficcional clássico. Porém, em território brasileiro, recebe agora por uma nova nomenclatura, é chamado de neopícaro por González e de malandro por Antonio Candido, sendo comparado ao pícaro clássico espanhol por conta de suas peripécias e enganos. Podemos observar como o primeiro neopícaro brasileiro, o protagonista do romance *Memórias de um sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Nele, há o personagem Leonardo filho, também carinhosamente chamado como Leonardinho por seu padrinho. Tal personagem carrega marcas do pícaro clássico espanhol, mas agora com algumas especificidades que anteriormente não tinha. A individualidade dá brechas para o amor, mas para tirar algum proveito e não por sentimento. O erotismo também é uma marca que não aparece no pícaro espanhol, sendo característica nítida do neopícaro. Podemos observar claramente tal característica em Macunaíma, na obra de Mário de Andrade, que por sua vez, é malandro.

O surgimento do personagem neopícaro trata de nos mostrar uma crítica social, pois o personagem nada mais é que o seu próprio reflexo. Por isso, segundo González, esse protagonista é considerado um anti-herói socialmente marginalizado, que protagoniza aventuras, com um projeto social que é ascender e adentrar na sociedade, mas que utiliza a trapaça como meio mais fácil.

3. As aproximações e divergências do pícaro da literatura clássica espanhola com o neopícaro tipicamente brasileiro

Em relação às aproximações dos pícaros e neopícaros, podemos abordar como primeiro aspecto o fato de ambos serem anti-heróis, astutos, serem itinerantes, preocuparem-se com suas vestimentas e também sentirem aversão pelo trabalho, pois o mesmo não é valorizado com um recurso digno e de engrandecimento, por isso são considerados vagabundos, como plantas parasitárias, que sempre está a sombra de alguém para então tirar proveito. Por tais atuações na narrativa, são classificados como marginais para a sociedade a que pertencem, e para enfrentá-la, se valem de sua astúcia.

Também possuem uma origem irregular. O pícaro passa muita fome e dificuldades em sua infância e em sua adolescência. Fome, por sua vez, é o elemento que o torna um pícaro, e por isso depende de sua astúcia para sobreviver. Logo, se é malandro e astuto é por que quer ascender-se socialmente e por isso utiliza recursos típicos do malandro.

O recurso da astúcia leva o pícaro à trapaça, que tem sua realização máxima – por se combinar aí com o risco da aventura- no jogo trapaceiro. E a consequência mais frequente dessa trapaça consistirá na fuga. A astúcia, como recurso básico, é outro desses denominadores comuns que aproximam, assim, não apenas os nossos malandros do pícaro clássico, mas todos entre si. (GONZÁLEZ, 1988, p. 341)

É um ser itinerante, assim vive se deslocando de um lugar para outro, por isso seu caráter é o de aventureiro. Desse modo, notamos com facilidade que o motivo de deslocar-se de um lugar para outro é a fuga. O pícaro sempre está envolvido em trapaça, meio pelo qual tenta ascender, e por conta disso, passa por aprendizados, por isso é considerado também como um romance de aprendizagem (GONZÁLEZ, 1988, p. 344), que mostra seu “crescimento” a cada vez que troca de patrão e também por mudar de ambiente. Já o malandro, quando não tem família, ele procura alguém para protegê-lo, porém o que o diferencia do pícaro é que não passa fome, pois já nasce “malandro feito” e, sempre usará dessa malandragem formas mais confortáveis para se livrar do trabalho.

Em conformidade com González, podemos identificar algumas diferenças entre esses dois seres vistos pela sociedade como marginais, sendo os pícaros individualistas, faz tudo em benefício próprio, diferentemente de alguns neopícaros, que há um projeto de vida, passa a ser porta voz de projetos políticos que contribui socialmente (González, 1988, p. 83) e, até mesmo a questão de se apaixonar, o que não acontecia nos romances pícaros. Outra diferença é que não há o erotismo no romance picaresco, visto que ele é um indivíduo que despreza a figura feminina, isto

é, um ser misógino. É individualista e sempre precisa se “safar” de encrencas, por isso não se prende a ninguém, já o neopícaro pode até estar sem companhia, mas quando há a presença feminina ao seu lado, sempre procura tirar proveito ao máximo dela. Outro ponto divergente é que “o pícaro é um serviçal, sempre se submete aos seus superiores” (CANDIDO, 1970, p. 69) o que não ocorre com o neopícaro.



4. O personagem neopícaro em *Galvez, imperador do Acre*

A história do livro *Galvez, imperador do Acre*, do escritor Amazonense Márcio Souza, narra a tentativa de conquista do território acreano para torná-lo independente e anexado ao Brasil, no ano 1922, época em que a exploração da borracha era o que gerava fortunas a muita gente. Tal objetivo é tracejado pelo espanhol Dom Luís Galvez Rodrigues de Aria, o protagonista, anti-herói e malandro da literatura brasileira, que mais adiante fora coroado imperador. Sobe o rio Amazonas até chegar a Manaus e, conta as suas aventuras de uma maneira ímpar, que por sua vez, traz o leitor para dentro do cenário exposto por Souza. Esse autor utiliza em sua obra uma linguagem simples e, como se trata de um romance neopicaresco, contém humor e abusos em detalhes de cenas envolventes dos personagens, no que diz respeito ao prazer do sexo.

Galvez se aproxima do pícaro clássico quando narra sua autobiografia, pois, ambos iniciam sua narração na velhice, assim contando suas picardias que passaram quando mais jovens, e que de certa maneira, acabam de forma medíocre. É notável em “[...] Eu estava com quase quarenta anos e ainda não tinha parado num só lugar, tinha perdido minhas raízes e agora queria enriquecer e viver em paz, morrer em pleno escritório, com um paletó preto e algum vício secreto, aos sessenta anos.” (SOUZA, 1988, p. 39), também em “Esta é uma história de aventuras onde o herói, no fim, morre na cama de velhice” (SOUZA, 1988, p. 13), visto que, tanto em relação ao pícaro clássico da Espanha quanto ao anti-herói Galvez, é importante ressaltar que eles passaram praticamente a vida exercendo a picardia, com a finalidade de atingir um status social na sociedade, porém sem exercer muito esforço, e por conta desse motivo, passam suas vidas trapaceando. Outro ponto relevante é apontar a origem desse sujeito trapaceiro, pois se exerce a picardia é por que fora abandonado ou é órfão, ou então, é servo de diversos amos, que julgam ser o cuidador desse sujeito. Mas na órbita do romance de Márcio Souza, nosso herói possui uma origem distinta, pois seu pai tinha uma posição social e melhores condições para cuidar de Galvez, então, é por isso que ele é um protagonista malandro feito, ou seja, exerce a picardia não passando fome, como o pícaro passava.

Outra característica que confirma que Galvez é um neopícaro é sua preocupação com a vestimenta, pois bem vestido, seria mais fácil realizar suas picardias, assim como o pícaro clássico, que a primeira coisa a realizar quando consegue uma situação melhor é arranjar roupas adequadas. O malandro de *Candido* e também neopícaro de *González* possui características próprias da malandragem, no que diz respeito à vestimenta, pois ao imaginarmos tal indivíduo,

consideramos que o mesmo se veste de maneira elegante, assim fica mais fácil de exercer a picardia. Tal característica é notável na obra de Márcio Souza quando apresenta Galvez dando nó em sua gravata, colocando o *top-hat* e usando sapatos de verniz preto, sobretudo, convencido com seu reflexo brilhante no espelho. (SOUZA, 1988, p. 61)

Galvez não passa fome, de acordo com a narrativa escrita por Márcio Souza, mas é notável que ele vive à própria sorte, sempre se metendo em confusões, passando por apuros, como fugir de canibais e tentando escapar sempre. Ele quer a riqueza, mas sem se esforçar para isso, característica que pode ser notada no que diz González a respeito do neopícaro. É considerado um neopícaro e, não pícaro porque esse indivíduo só existia nos séculos XVI - XVII. O que se tem na literatura brasileira são personagens que possuem traços semelhantes ao pícaro clássico, isto é, que podem ser lidos à luz da picaresca clássica, no entanto não são. Notamos que, Galvez desde sua origem teve sempre uma vida boa, pois seu pai era tenente do exército e estudou em boas escolas. Mas não gostava de estudar: “[...] Eu vivia afastado da política e me considerava um adepto do terrorismo boêmio. Andava com os guitarristas pelas bodegas do Alcazar e digo que não me impressionava com nada” (SOUZA, 1988, p. 48), apresentando, portanto, característica típica do neopícaro ou malandro.

Já em relação a sua origem, Galvez se distancia da picaresca clássica e se aproxima do novo pícaro, aqui apontado como neopícaro. Sempre está em busca de aventuras amorosas. O que de fato é evidente no texto de González (1988, p. 69), no qual onde o referido estudioso compara Macunaíma, o malandro de Mário de Andrade, ao pícaro clássico, em relação ao erotismo, analisando a diferença entre ambos, da mesma forma, nós podemos observar tal característica em *Galvez, imperador do Acre*. Assim, Galvez pode ser comparado a Macunaíma, que já nasce esperto, astucioso e malandro, quer vida boa, mas sem esforços e para facilitar seu deslocamento de um lugar a outro, envolve-se com mulheres, para tirar proveito de alguma forma e, quando se metia em encrencas, dava um jeito de fugir e descartar a mulher. Podemos notar tal informação em: “Às cinco horas da tarde. Cira passaria pelo café da abolição. Agora eu estava certo de que ela não era o melhor caminho para um aventureiro se integrar na sociedade do látex. Se era isso o que eu desejava, deveria ter me livrado dela”. (SOUZA, 1988, p. 39) Tal característica assemelha-se ao pícaro clássico, pois ambos não se “apegavam” à mulheres, eram individualistas e não queriam deixar herdeiros, assim sendo o pícaro considerado como misógino, diferentemente de Macunaíma e Galvez que apresentam um erotismo ao extremo, e se envolvendo com mulheres a cada lugar percorrido.

4.1 Os narradores

Tanto em textos picarescos como em neopicarescos ou de malandragem o que pode ser observado em relação ao foco narrativo é a presença do narrador personagem, pois cabe ao protagonista contar a sua própria história, uma vez que, por causa de suas origens irregulares e precárias, cabe a ele mesmo contar sua vida,



assim tomando forma de uma autobiografia, como se fosse narração testemunha. Entretanto, é de grande importância ressaltar que o foco em primeira pessoa é predominante, porém não é o único. Tomemos como exemplo as obras citadas anteriormente, *Lazarillo de Tormes* com foco em primeira pessoa, *Memórias e Macunaíma*, ambas narradas em terceira pessoa e, *Galvez, imperador do Acre* narrado em primeira pessoa, mas não por um, e sim, por dois narradores. Um contando suas facetas às vezes exageradas, e o outro denunciando o protagonista, acusando-o de inverdades seus relatos “Perdão, leitores! Neste momento sou obrigado a intervir, coisa que farei a cada momento em que o nosso herói faltar com a verdade dos fatos. É claro que ele conseguiu o documento. Mas da maneira mais prosaica do mundo” (SOUZA, 1988, p. 49), bem como em outras passagens do romance.

O romance de Galvez ainda dialoga com essas obras pícaras e neopícaras por apresentar o tom humorístico. Os narradores contam como é sua vida desde sua infância, que é de certa forma trágica, até sua velhice, podendo por esse motivo ser chamada de autobiografia. Porém a vida do personagem Galvez, por sua vez, não é trágica. Geralmente os pícaros sempre terminam sua vida de maneira medíocre, isto é, passam a vida toda tentando ascender ou adentrar à sociedade, mas com a velhice seus atos vão diminuindo. Galvez possui um fim nada bom, morrendo solitário, em cima de uma cama.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar as características de *Galvez, imperador do Acre*, como um personagem sob os aspectos da malandragem ou neopicarescas, buscando analisar suas características por meio de abordagem teórica consagrada por Antonio Candido e Mário González, a fim de entendermos o malandro e sua origem como releitura do pícaro clássico da literatura espanhola, bem como escrituras de Altamir Botoso como suporte teórico.

O romance *Galvez, imperador do Acre* é considerado um romance histórico. Mas nosso enfoque foi estudar o personagem Galvez, um protagonista anti-herói, considerado malandro, terminologia de Antonio Candido e neopicaresco, conforme estudos de Mário González, apontando relações de aproximação e distanciamento com o pícaro clássico da literatura espanhola.

É de consenso o fato de que obras picarescas são narradas em primeira pessoa, pois têm o protagonista uma origem irregular e cheia de peripécias, logicamente o narrador exerce sua função como forma de testemunha, assim evidenciando uma autobiografia. Já em *Memórias de um sargento de Milícias*, que as aventuras da figura do malandro, Leonardo filho, são narradas em terceira pessoa. O que é de destaque na obra de Márcio Souza é a presença de dois narradores em primeira pessoa, um contando suas aventuras e o outro denunciando sua forma exagerada e suas imprecisões.

Logo, ao término das análises realizadas, evidenciamos que Galvez é um neopícaro, assim como o Leonardo, de Manuel Antônio de Almeida (1854), bem como Macunaíma de Mário de Andrade, pois ambos são considerados malandros de nascença e não por consequências do meio.



Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: Herói sem nenhum caráter**. São Paulo: Agir, 2008. 175 p.

BOTOSO, Altamir. O Romance Malandro. In: _____. **Do Pícaro ao malandro: Uma poética da rebeldia**. 1ª. ed. Bauru/SP, 2010, p. 37-51.

_____. **Romance Picaresco e Malandro: A consagração do anti-herói**. Revista Trama, V.12, nº 25, 2016, p.205 -235.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

GONZÁLEZ, Mário Miguel. **O Romance Picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 315- 357.

SOUZA, Márcio **Galvez, imperador do Acre**. São Paulo: Marco Zero Ltda, 1991. 196 p.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Adriely Barbosa de. O neopícaro no personagem Luiz Galvez Rodrigues de Aria, em *Galvez Imperador do Acre*. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 2., Jan-Jun, 2018, p. 1-9.

A Autora

Adriely Barbosa de Oliveira é mestranda em Literatura Sociedade e História da Pós-Graduação do Mestrado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. adrielybrv@gmail.com.